



A RECREAÇÃO EDUCATIVA NA REALIDADE DE PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS

Patrícia Herold¹
Aurea Regina Telles Pupulin²
Giuliano Gomes de Assis Pimentel³

RESUMO: A partir do conhecimento de como a prática do lazer é prejudicada na vida da pessoa vivendo com HIV/AIDS (PVHA), este trabalho investigou como a educação para o lazer – por meio da Recreação Educativa (RE) – poderia fornecer subsídios para o empoderamento de tais sujeitos em seu tempo livre. Em decorrência, foi estabelecido o seguinte objetivo: compreender as concepções e práticas de lazer das PVHA, analisando possibilidades e limites da RE de fomentar o acesso ao lazer por parte dessas pessoas. Na perspectiva da pesquisa-ação, foi desenvolvida formação de 19 sujeitos da cidade de Londrina-PR, tendo como eixo programático os conteúdos culturais do lazer. Em um contexto mediado pela RE, a educação para o lazer contribuiu à apropriação do tempo livre dos participantes, considerando que a emancipação da PVHA passa predominantemente pelo enfrentamento dos estigmas e de barreiras socioeconômicas.

Palavras-chave: Atividades de lazer; Qualidade de vida; Sobreviventes de longo prazo ao HIV.

EDUCATIONAL RECREATION FROM THE REALITY OF PEOPLE LIVING WITH HIV/AIDS

ABSTRACT: Assuming that leisure practice is impaired in the life of someone living with HIV/AIDS (PLWHA), this study investigated how education for leisure - through Educational Recreation (ER) - could provide subsidies for empowerment of such individuals in their free time. Therefore, we have established the following goal: understand the concepts and practices of leisure held by PLWHA, analyzing possibilities and limits of ER to encourage access to leisure by these people. From the perspective of action research, we developed the formation of 19 people in Londrina-PR, taking as its programmatic basis the cultural contents to leisure. In a context mediated through ER, education for leisure contributed to the recognition of the participants' free time, considering that the emancipation of PLWHA happens predominantly by addressing the stigmata and socioeconomic barriers faced by them.

Keywords: Leisure activities; Quality of life; Long-term survivors of HIV.

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: pherold.edfísica@gmail.com.

² Doutora em Ciências Biológicas (Biologia Celular) pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e docente do Departamento de Ciências Básicas da Saúde da UEM. E-mail: artpupulin@uem.br

³ Doutor em Educação Física pela UNICAMP. Docente do Programa Associado UEM/UEL de Pós-graduação em Educação Física. Líder do Grupo de Estudos do Lazder. E-mail: ggapimentel@uem.br.

RECREACIÓN EDUCATIVA EN LA REALIDAD DE LAS PERSONAS QUE VIVEN CON VIH/SIDA

RESUMEN: A partir del conocimiento de cómo se ve afectada la experiencia de recreación en la vida de las personas que viven con VIH/SIDA (PVVS), este trabajo investigó cómo la educación en el ocio – a través de la Recreación Educativa (RE) – podría proporcionar subsidios para el empoderamiento de estos sujetos en su tiempo libre. En este sentido, nos hemos planteado el siguiente objetivo: comprender los conceptos y prácticas lúdicas de las PVVS, analizando las posibilidades y límites de la RE para favorecer el acceso a la cultura por parte de estas personas. Desde la perspectiva de la investigación-acción, desarrollamos la formación de 19 PVVS en Londrina-PR, tomando como base programática los contenidos culturales para el ocio. En un contexto mediado por la RE, la educación para el tiempo libre contribuyó a la apropiación del ocio por parte de los participantes, considerando que la emancipación de las PVVS implica predominantemente el enfrentamiento de estigmas y barreras socioeconómicas.

Palabras clave: Actividades recreativas; Calidad de vida; Sobrevivientes de VIH a largo plazo.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a educação para o lazer -por meio recreação educativa (RE)- junto a um grupo social estigmatizado: as pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA). Tal população, em particular, passa por padecimentos para além das implicações fisiológicas. A partir do diagnóstico da infecção pelo vírus, a PVHA sofre restrições adicionais para se autodeterminar em relação ao lazer, a exemplo dos efeitos colaterais da medicação, do preconceito do entorno e da pressão familiar. Além dos marcadores biossociais, muitas PVHA abdicam do direito ao lazer, por moralismo, pois a maioria dos casos de contaminação tem associação com experiências desviantes de lazer (HEROLD, PIMENTEL, PUPULIN, 2010).

Frente a isso, além de enfrentamento das barreiras externas, adultos com HIV/AIDS também necessitam de um suporte pedagógico para serem artífices da própria emancipação. Entre as diferentes tecnologias mediadoras de conteúdos e ferramentas para as pessoas desenvolverem autonomia para vivência do lazer, a RE, se presta a essa finalidade, por ser

el tipo de influencia intencional y con algún grado de sistematización que, partiendo de actividades voluntarias, grupales y coordinadas exteriormente, establecidas en estructuras específicas, a través de metodologías lúdicas y placenteras, pretende colaborar en la transformación del tiempo disponible o libre de obligaciones de los participantes en praxis de la libertad en el tiempo, generando protagonismo y autonomía (WAICHMAN, 2004, p. 85).

Em suma, RE é inspirada no pensamento de Paulo Freire e visa o autocondicionamento libertário em relação ao usufruto do tempo livre. Não obstante essa

perspectiva latino-americana crítica e decolonial ser potente como método socioeducativo, ela ainda é invisibilizada. Boa parte da produção acadêmica sobre recreação se detém sobre o uso alienante via a vertente recreacionista (LEMA-ALVAREZ; PÉREZ-POLLERO, 2024).

Porém, sabemos que, nas sociedades democráticas, a recreação pode ser um dispositivo de saúde, de entretenimento ou de educação. Nesse amplo escopo, entendemos que a recreação é a atividade humana de mediação educativa da experiência lúdica e seus contornos podem ser tanto moralistas, compensatórios e utilitaristas quanto servirem de mobilização e mudança (PIMENTEL; AWAD, 2019). A questão, portanto, é reconhecer a qual projeto de sociedade contribui nossa atuação com as tecnologias de subjetivação.

Para tanto, é imprescindível que as vivências lúdicas sejam discutidas, planejadas, executadas e avaliadas por todos os atores sociais envolvidos e o recreador pode auxiliar neste processo de construção cultural. A noção de participação constitui um dos núcleos centrais do educador preocupado não somente em incentivar a participação em atividades, mas de despertar os atores sociais para a importância da atitude participativa (GARCIA, 2021).

Embora esses conceitos estejam sedimentados na literatura, há carência de trabalhos que investiguem os inter cruzamentos entre lazer, educação e saúde (WERLE, 2018). Mais especificamente quanto à realidade das PVHA, observamos que o Brasil se destacou como política pública de saúde na universalização dos medicamentos. Com isso, garantida a sobrevivência, houve mais ressonância às preocupações com a qualidade de vida. A perspectiva de que as PVHA possam considerar outras possibilidades de sentido para a vida (cotidiana e pós-contaminação) justifica estudos que abordem procedimentos educativos para o usufruto crítico do tempo livre, do lazer e da recreação. Todavia, há carência de pesquisas sobre práticas educativas, o que resulta em escassez de programas (HERNANDES et al, 2024).

Logo, dada a necessidade de intervenção, selecionamos para o estudo, a 17ª Regional de Saúde, sediada em Londrina, Paraná. A escolha se justificou pela combinação de ser um centro de referência na gestão do SUS e a existência de movimento associativo constituído pelas próprias PVHA. Montanha et. al. (2024) apontam que um efeito do acelerado desenvolvimento urbano da região foi a tendência das contaminações se tornar crescente. Estudos no mesmo lugar, demonstraram que programas baseados em exercício físico incrementaram a saúde física e programas baseados em recreação, foram significativos para melhoria da saúde mental das PVHA (PUPULIN et al, 2016). Mas, apontam indisposição física, ausência de companhia, pobreza e receio de lesão como barreiras autopercebidas à prática de lazer físico-esportivo (RIBEIRO et. al., 2013).

A partir desses resultados, se abriu uma lacuna em relação à possibilidade de um programa participativo de RE contribuir para as PVHA aumentarem o protagonismo para o lazer, especialmente entendido como direito social. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho foi compreender a agência das PVHA em relação a um programa de RE como educação para o lazer, com ênfase sobre suas concepções e práticas daquele grupo social.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A população do estudo foram as PHVA que recebiam atendimento e mediação antirretroviral no posto de referência da 17ª Secretaria Regional de Saúde da cidade de Londrina-PR. Todas recebiam convites no local e, por conveniência, aquelas que aderiram ao programa participaram de entrevista semiestruturada para indicarem disponibilidade de dia e horários, comorbidade e dados para contato.

Embora essa tarefa inicial pudesse ser satisfeita com algum questionário, a Regional recomenda uma interação face a face prévia à intervenção, pois permite que as PVHA possam também fazer perguntas. De fato, esse procedimento operou sobretudo como um momento de esclarecimento da pesquisa, ou seja, conversa prévia e individualizada. Após a mesma, o estudo obteve aderência de 19 pessoas.

Com base nas respostas, foi esboçada a estrutura de 16 encontros, aos sábados, com frequência média de 7 pessoas (37%). O grupo foi composto por homens e mulheres, com idades entre 28 a 56 anos. Os encontros aconteceram na sede da ONG Núcleo Londrinense de Redução de Danos, sendo também realizadas experiências externas. Na perspectiva da pesquisa-ação foram desenvolvidas intervenções. Embora o estudo tenha realizado entrevista e diagnóstico rápido participativo (cartazes) no período inicial do estudo, para este texto, enfatizamos os dados obtidos pelo diário de campo e pela avaliação (redação individual ou em dupla) do último dia do programa. Isso se justifica porque os primeiros dados serviram mais para orientar a organização da RE enquanto os dados do processo e do registro escrito possibilitam avaliar o movimento do grupo em relação a ampliar o repertório para usufruto do lazer. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética Envolvendo Seres Humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vivências oferecidas foram baseadas a partir de um primeiro encontro (piloto), quando se aplicou uma técnica de Diagnóstico Rápido Participativo. Um grupo de 22 pessoas foi distribuído em 4 grupos para a confecção de cartazes. Neles teriam que simular se convidando a participar de atividades (escolhidas por eles, bem como o lugar e horário de interesse). Com essa dinâmica, foi possível perceber que atividades físicas de lazer estiveram na maioria dos cartazes, dentre elas dança, caminhada, esportes. Surpreendeu o interesse em realizar tais práticas em local público, dado que virá a ser objeto de reflexão, pois o mesmo foi de encontro às falas das entrevistas que antecederam a intervenção, quando se mostraram mais reclusos. Isto pode ter demonstrado a necessidade do resgate do lazer de antes da contaminação.

As metodologias participativas de diagnóstico partem do pressuposto que se as comunidades sistematizam e aperfeiçoam seu conhecimento sobre seus problemas, elas podem gerir soluções adequadas e inovadoras. Enfim, esse instrumento consegue captar como as pessoas percebem a realidade do assunto a ser pesquisado. A práxis da pedagogia freireana entende a que as relações sociais são produtoras de sociabilidade humana e, sendo assim, a humanização destas práticas constitui condição fundamental para a educação. A autoconstrução do ser social na perspectiva da emancipação humana acontece mediante este processo de ação e reflexão sobre a ação, na busca permanente de compreensão da história, ressignificando conceitos, no processo de interlocução sobre o entendimento do homem, da sociedade e do mundo (FREIRE, 1997).

A lógica dos encontros perspectivou que o primeiro terço seria composto por conteúdos (dinâmicas de grupo, palestras, oficinas) propostos pela equipe da pesquisa, seguida de atividades que demandassem especialistas (teatro, ginástica, escalada) e o terço culminante seria com oficinas ministradas pelos voluntários da pesquisa. Considerando o olhar proposto para este artigo é a dimensão da autonomia, selecionamos a síntese descritiva dos últimos encontros como material à análise.

No 10º encontro tiveram vez as atividades ministradas pelo grupo. A primeira dupla apresentou uma oficina de kirigami. A dupla organizou a sala para a oficina. O ator social 01 ministrou a aula, pois o mesmo já está acostumado a dar oficinas dessa arte. Já o ator social 02 assessorou quem apresentou dificuldades nos recortes. O ministrante fazia uma figura, recortando um papel dobrado em duas partes com uma tesoura e, na sequência, o grupo tinha

que fazer o mesmo desenho. Para um melhor desenvolvimento, alguns utilizavam a figura cortada como molde.

O 11º encontro foi dedicado ao cinema. A narrativa do filme “Quincas Berro d’água” se passa na cidade de Salvador-BA. Quincas (Paulo José) é um funcionário público cansado da vida que leva. Um dia ele resolve deixar sua família de lado e cair na farra, ganhando fama como Quincas Berro D’Água, o rei dos vagabundos. Quando ele é encontrado morto em seu quarto, sua família resolve apagar os vestígios de sua fase desviante e lhe dar um enterro respeitável. Só que seus amigos surgem no local e decidem levá-lo para uma última farra. A responsável pelo filme arrumou a sala, dispondo as cadeiras em fileiras. A sessão se estendeu pela tarde, mas foi observada baixa participação naquela programação.

A intervenção 12 contaria com uma aula de culinária ministrada pelo ator social 12. No entanto, ao chegar ao local combinado, tudo já estava pronto. Sua ansiedade foi tamanha que ele disse não conseguir esperar, além de ficar com receio de o grupo estar com fome. Para começar a servir, pedimos que o cozinheiro apresentasse o prato, seu modo de fazer e seus ingredientes principais. O encontro aconteceu na casa de uma PVHA que não havia comparecido a nenhum dos encontros. A dona da casa é amiga de grande parte do grupo. Ela disse não participar do projeto devido a uma seqüela de toxoplasmose que dificulta o caminhar. Um outro fato não-previsto, foi que uma participante levou um pandeiro e apresentou algumas paródias, mesclando algumas músicas e histórias, com interação do grupo.

Naquele dia, eles propuseram que o 13º encontro fosse um *pic-nic* no parque perto da ONG. Fomos embora, deixando todo o grupo na discussão sobre o próximo sábado, para que não ficassem sob nossa dependência, lembrando-os que o nosso papel era o de mediadores. Transcorrida a semana, o passeio foi cancelado devido às chuvas, além de um dos participantes que apresentou mal-estar, sendo conduzido ao hospital. Por outro lado, o ator social 04 ofereceu um vídeo educativo sobre AIDS, tabagismo e uso de drogas. Iniciamos assistindo ao vídeo e, algum tempo depois, encontraram um jogo educativo sobre AIDS, destinado a adolescentes. Era um jogo de dados, em que se deslocavam pinos em casas, de acordo com o número tirado no dado. Além disso, o jogo apresentava também algumas perguntas e respostas sobre essa temática.

Uma avaliação estava prevista para o encontro 14. Inicialmente, fizemos uma retomada de todo o caminho que percorremos para chegar às intervenções, de todas as atividades desenvolvidas. Lembramos que tais acontecimentos mereciam um registro mais

adequado, sendo este o mote do tema gerador.

As ideias foram surgindo, dentre elas, a criação de um *fanzine*, que é um folheto básico com uma dobradura diferente. Começaram a elaborar as sessões que constariam no mesmo, de acordo com as atividades de lazer e também, com os interesses e necessidades do público HIV positivo. A princípio, o jornalzinho apresentaria editorial, jogos rápidos como cruzadinhas, jogo dos sete erros, culinária, dicas para uma melhor qualidade de vida, em que entrariam assuntos de atividades físicas, alimentação, importância do anti-retroviral, agenda cultural e depoimentos das vivências.

Dividimos os assuntos para cada um do grupo providenciar, mas dando liberdade para que, se encontrassem outros assuntos que julgassem interessantes, que podiam trazer para o grupo avaliar. Por fim, elegeram o nome da publicação: “Vivendo +”. De acordo com o grupo, a palavra “positivo” já remete às PVHA de forma sutil, enquanto deixa aberto para outros públicos também.

O ator social 01 ficou responsável pelo *layout* do *fanzine*, dizendo que já trabalhou nessa profissão em uma editora. O ator social 18, por ser da área da saúde, ficou com as dicas de saúde. Os demais deveriam redigir depoimentos, descrevendo as expectativas e sentimentos despertados no decorrer das intervenções. O *fanzine*, elaborado pela coletividade, foi o resultado palpável de todas as intervenções, uma vez que servira para disseminar as experiências vivenciadas em todos os encontros.

O penúltimo encontro contou com a participação do grupo de pesquisa. Um acadêmico mediou uma dinâmica com brinquedo confeccionado exclusivamente para PVHA. Posicionou o mesmo no centro da sala e o grupo se organizou em sua volta. A dinâmica consistia em apresentar coisas boas e coisas ruins para a PVHA. Mostrando-se bastante participativos e interessados, em muitos momentos complementavam afirmações feitas pelo ministrante. O acadêmico questionava o grupo nas temáticas, conseguindo, desta forma, que os mesmos ampliassem seus olhares sobre o HIV/AIDS.

Na sequência, outro acadêmico ministrou uma aula de ginástica utilizando bastões e finalizou tal etapa com outra acadêmica aplicando alongamento e relaxamento. Essas atividades obtiveram adesão expressiva, revelando a afinidade do grupo com os conteúdos físico-esportivos. Por fim, os pesquisadores compartilharam dados de estudos com a sobre efeitos da atividade física na qualidade de vida da PVHA. Seguiu-se para um momento de diálogo a respeito das barreiras que dificultavam o acesso deles à atividade física no lazer.

O encontro 16 marcou a última intervenção, sendo o encontro na casa do ator social

05. Ela gostaria de aproveitar a reunião comemorar o aniversário dele. Ao chegarem, solicitamos que escrevessem depoimentos, em duplas, sobre as atividades propostas durante o tempo das intervenções, conforme relatado abaixo:

A acrobacia foi a prática mais legal para nós dois. Nós não imaginávamos que fôssemos fazer sequer a primeira acrobacia da série. Ver os grupos conseguindo também vencendo e superando limites individuais para viabilizar o coletivo foi edificante demais (Atores sociais 04 e 07).

A viagem a Maringá para nós foi muito interessante além da viagem em si, que foi muito bacana e divertido. A acolhida da equipe de Maringá foi muito especial e as atividades que participamos teve um efeito muito importante para o nosso bem-estar. Pois é sabido que o exercício físico é muito importante para a nossa saúde e também para a nossa mente (Atores sociais 03 e 15).

Três duplas fizeram seus relatórios sobre o kirigami. As atividades propostas pelos membros do grupo foram valorizadas, situando a importância da construção coletiva da programação construída por eles:

Foi muito bom aprender o Kirigami. Com minhas dificuldades físicas, eu encontrei a oportunidade de aprender a lidar com meus limites. Trabalhar com uma tesoura para mim parecia muito difícil, mas foi emocionante desafiar meus limites (Ator social 05).

Particpei do curso de Kirigami, achei muito legal. Aprendi coisas que não imaginava. Também levei minha mãe que é depressiva para participar. Ela também achou muito legal e se sentiu muito bem, pois foi uma grande terapia (Ator social 02 e 19).

A oficina de Kirigami é uma ótima opção de lazer, pois permite unir descanso, diversão e desenvolvimento. Descanso porque não é uma atividade física exaustiva e promove um descanso mental por mudar o foco dos problemas do cotidiano. Diversão pelo lado lúdico que o Kirigami remete. O desenvolvimento é obvio, pela coordenação motora fina, pelo pensamento racional matemático, criativo pela liberdade de formas e afetivo pela forma diferente que as pessoas passam a se relacionar. Kirigami para lazer é uma opção completa (Ator social 01e seu namorado).

Vale observar que os depoimentos se voltavam para sínteses a respeito do lazer, apresentando a importância do trabalho em grupo para a construção da programação:

Uma atividade de lazer bastante interessante é se reunir com o grupo de pessoas para comer algo feito por um membro do próprio grupo, independente se é uma refeição sofisticada ou simples, o importante é estar entre amigos. Durante esta atividade existem conversas paralelas e outras que envolvem todo o grupo. É um momento em que é possível conhecer melhor as pessoas e estreitar os laços de amizade, conhecendo afinidades entre alguns (Ator social 18).

Depois desses depoimentos escritos, passamos para uma avaliação escrita individual sobre a pesquisa de forma geral e num segundo momento, sobre as intervenções em si. A

primeira pergunta sobre a temática do lazer foi “qual foi o objetivo deste trabalho”? De nove pessoas que responderam, cinco citaram a palavra lazer para descrever o objetivo. Os demais falaram sobre aquisição de conhecimento, cidadania e autoestima e agrupamento.

Dando sequência às questões, o direito ao lazer foi tematizado, sendo destacada a limitação financeira como a mais preponderante, seguida das limitações de saúde ocasionadas pelo HIV: “O lazer está intimamente ligado à qualidade de vida, resgatando o lazer se resgata a qualidade de vida também” (Ator social 01). Ao percorrermos as questões atreladas à não-participação

A dimensão utópica se manifestou no modo como foram desenvolvendo consciência em serem parte da sociedade e portadores de direito ao lazer, independente da sorologia:

Em minha opinião, a partir da minha sorologia, deixava o vírus ser maior do que eu, o que usava grande parte do meu tempo. Creio que por receio do coletivo ‘normal’ saudável, fechava-me em meu mundo. Hoje vejo a real necessidade do lazer (Ator social 07).

Por outro lado, esse reconhecimento é acompanhado pela dificuldade em retomar o lazer sem uma mediação profissional:

Muitas vezes após descobrir-me ‘positiva’, esqueci o fato de que todos necessitam de momentos de lazer. Eu não me proporcionaria tais práticas se não houvesse acontecido a Terapia Complementar” (Ator social 07)

Dadas essas respostas, podemos inferir o seguinte: a) nem sempre se sentiam comprometidos com os encontros; b) havia limitações estruturais, como o trabalho, que limitam sua participação; c) fatores pessoais, como vergonha, podem constituir uma barreira para participar da recreação; d) doenças e os efeitos colaterais não foram responsabilizados. A respeito do último aspecto, verificamos um paradoxo, pois mesmo não descrevendo nas avaliações que não tiveram problemas de saúde, alguns atores sociais da pesquisa tiveram sintomas como mal-estar, feridas nos lábios, mancha nas pernas e dores em geral no decorrer dos encontros, fazendo com que faltassem nesses dias ou deixassem de realizar algumas atividades. Portanto, é importante o conhecimento dos sinais biológicos de não-participação dada a discrição dos sujeitos em revelar os sintomas.

Feita a exposição dos recortes empíricos da pesquisa-ação, reiteramos que o direcionamento da RE (WAICHMAN, 2004) foi pautado em princípios dialógicos (FREIRE, 1997), o que requer análise crítica da realidade. Conforme vimos no estudo, eles conseguiram perceber a carência do lazer na própria vida, almejando mudanças em si. Frente a essa conquista, qual poderia ser a preocupação?

A condição oculta que perpassou as falas de nossos sujeitos e, por vezes, tramada na ingenuidade em nossa intervenção foi a individualização da autonomia. Historicamente os direitos – ao lazer e à saúde – foram conquistados via mobilização coletiva. Isso não é diferente para as PVHA. Por isso, um programa de RE, mesmo ao educar para o protagonismo, caso enfoque apenas na práxis do indivíduo, pode se tornar apolítico e, portanto, inócuo. Assim, um entendimento equivocado pode transmutar a perspectiva emancipatória da educação em um programa de desenvolvimento pautado na ideologia neoliberal.

A esse respeito, Freitas (2023, p. 100) alerta que “a capacidade de se autogovernar é essencial para uma sociedade empreendedora”. Nesse sentido, educar para a autonomia individualista é um dos nortes do neoliberalismo. Isso pode se reverberar na incorporação de cuidados com o corpo mediante exercícios e dietas saudáveis. Para a autora, o Governo repassa a responsabilidade às condutas individuais.

Esse é um atravessamento ideológico ao qual programas de RE devem adotar vigilância crítica. Vale lembrar que no âmbito do diagnóstico, houve predominância de conteúdos físico-esportivos para composição do programa. Portanto, ao invés de tais atividades serem vistas como direito, ampliação do universo cultural, podem assumir o tom de um imperativo categórico, uma obrigação que aumente a autoculpabilização entre o grupo.

Em acréscimo, Werle (2018) adverte que o ideal da vida saudável acaba por restringir as possibilidades de se ter lazer. A autora entende que a atual dinâmica social reitera a dicotomia corpo e mente, com atividades físicas de lazer que constroem corpos fortes mas mentes entorpecidas. Nessa construção que funde lazer a saúde, a busca da felicidade e do corpo saudável se dá por um modo de diversão às custas do enfraquecimento da consciência crítica.

Na nossa empiria com PVHA isso é mais dramático à medida em que o Estado mínimo comprometeria o acesso a medicamentos responsáveis pela sobrevivência desses sujeitos. E, em acréscimo, eles já são suscetíveis moralmente a se culparem pela contaminação em experiências desviantes de lazer, o que é um bloqueio considerável para lutarem pelo lazer como direito social.

Portanto, a RE, como forma de educação para o lazer pode sucumbir aos imperativos do “lazer ativo” como panaceia aos males do sedentarismo. A mera enunciação da autonomia não é garantia de emancipação contra a opressão, tal como já formulado por Freire (1997). Nesse caso, um limite apontado nas ações educativas recreativas -atividade lúdica mediada- seria dar por concluída a questão do lazer da PVHA quando o indivíduo se conscientiza sobre como se tornar ‘positivamente’ ocupado no tempo livre. No fim, a solução é coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo, sublinham a importância do animador na ampliação do repertório de experiências de lazer, como um bem em si, balizador da cidadania negada. A RE foi espaço de reconhecimento da potência da PVHA por meio das atividades de lazer, o que foi identificado em relação às necessidades específicas em relação à saúde, mas, igualmente, a liberdade de usufruto do lazer como direito social.

Em termos de limitação do estudo, destacamos o não-acompanhamento dos sujeitos por um período de carência, após os encontros, para avaliar longitudinalmente a efetivação por eles do direito ao lazer. Para a replicação do trabalho, ressaltamos que não há uma PVHA universal, mas diferentes expressões do padecimento. Portanto, recomendamos que novos estudos avaliem a diversidade da intervenção, as formas como os atores sociais se envolveram e as qualificações profissionais acionadas para o trabalho educativo com o lazer. Estudos mais focados sobre essa questão devem ser realizados também para avaliar grupos já constituídos em suas dinâmicas autônomas.

Metodologicamente, nossa autocrítica a esta pesquisa-ação é que, para alcançar um nível mais evoluído de resposta do grupo talvez fosse o caso de constituir uma pesquisa participante. A nosso juízo, a potência da organização coletiva não alcançou um nível político, que eventualmente será necessário para exercerem, por exemplo, pressão pelo direito ao lazer.

Levando em consideração que o lazer pode se desenvolver segundo uma lógica educativa voltada à recreação como cuidado de si, é considerado fundamental pontuar as intervenções a partir de uma abordagem mais crítica sobre o HIV+ e a sociedade. Nesse sentido, o sucesso de propostas que levem em conta a participação dos grupos estigmatizados passa por uma pedagogia libertadora, mas, também, por mudanças estruturais.

Por isso, uma educação para o lazer que tenha como cerne a fruição individual do lúdico tem como forma de luta a organização coletiva. De acordo com essa concepção, a RE deve visar a uma maior autonomia das PVHA em relação a si mesmas e ao mundo que as rodeia, de modo que as mesmas possam entender e agir sobre as barreiras para o lazer.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREITAS, Débora D. Os discursos de saúde como estratégia de governo: alimentação, atividade física e empresariamento de si. **Revista Didática Sistêmica**, v. 25, n. 2, p. 92-104, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/16485/10692> Acesso em: 11 mar 2024.
- GARCIA, Valéria A. Discurso do Dr. Jaume Trilla Bernet no ato de outorga a Paulo Freire do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Barcelona em 1988. **Pro-Posições**, v. 32, p. e20210116, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0116> Acesso em: 30 nov 2023.
- HERNANDES, Cristiane P. et al. Práticas de educação em saúde sobre HIV para populações vulneráveis no Brasil: revisão integrativa. **Saúde e Pesquisa**, v. 17, n. 1, p. e12327-e12327, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/12327>
- HEROLD, Patrícia; PIMENTEL, Giuliano G. de A.; PUPULIN, Aurea Regina T. Pessoas vivendo com HIV/Aids e suas representações sobre o lazer em diferentes fases da vida. **Revista Lazer & Sociedade**. n. esp. p. 89-105, 2010.
- LEMA ALVAREZ, Ricardo; PÉREZ POLLERO, Martín. Aportes a la construcción de una metodología basada en la recreación educativa. **Educació social. Revista d'intervenció socioeducativa**, n. 83, p. 13-32, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.60940/EducacioSocialn83id419366>. Acesso em: 14 set 2024.
- MONTANHA, Rafaela Marito et al. HIV e AIDS no Estado do Paraná, Brasil, 2007-2022: tendência e distribuição espaçotemporal. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. e240015, 2024.
- PIMENTEL, Giuliano G. de A; AWAD, Hani Z. A. Usos e significados da recreação na produção acadêmica. **Revista de Educação Pública**, v. 29, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/repub/v29/2238-2097-REPUB-29-e10062.pdf> Acesso em: 11 mar 2024.
- PUPULIN, Aurea Regina T. et al. Efeito de exercícios físicos e de lazer sobre os níveis de cortisol plasmático em pacientes com Aids. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 328-333, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2014.04.001> Acesso em: 06 dez 2024.
- RIBEIRO, Adriana Ramos Alves et al. Barreiras pessoais para prática de atividade física percebidas por portadores de AIDS. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 24, p. 93-101, 2013.
- WAICHMAN, Pablo Alberto. Tiempo libre, libertad y educación. **Conexões**, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 77-87, 2007. DOI: 10.20396/conex.v2i1.8637912. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637912>. Acesso em: 14 set. 2024.
- WERLE, Verônica. Relações entre lazer e saúde em tempos de cultura somática. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 5, n. 2, p. 20-32, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/603> Acesso em: 01 jan 2024.